

**Kênia Cardoso Bícego**

# **O COMPLEXO CASO DE CURURU CHIN**

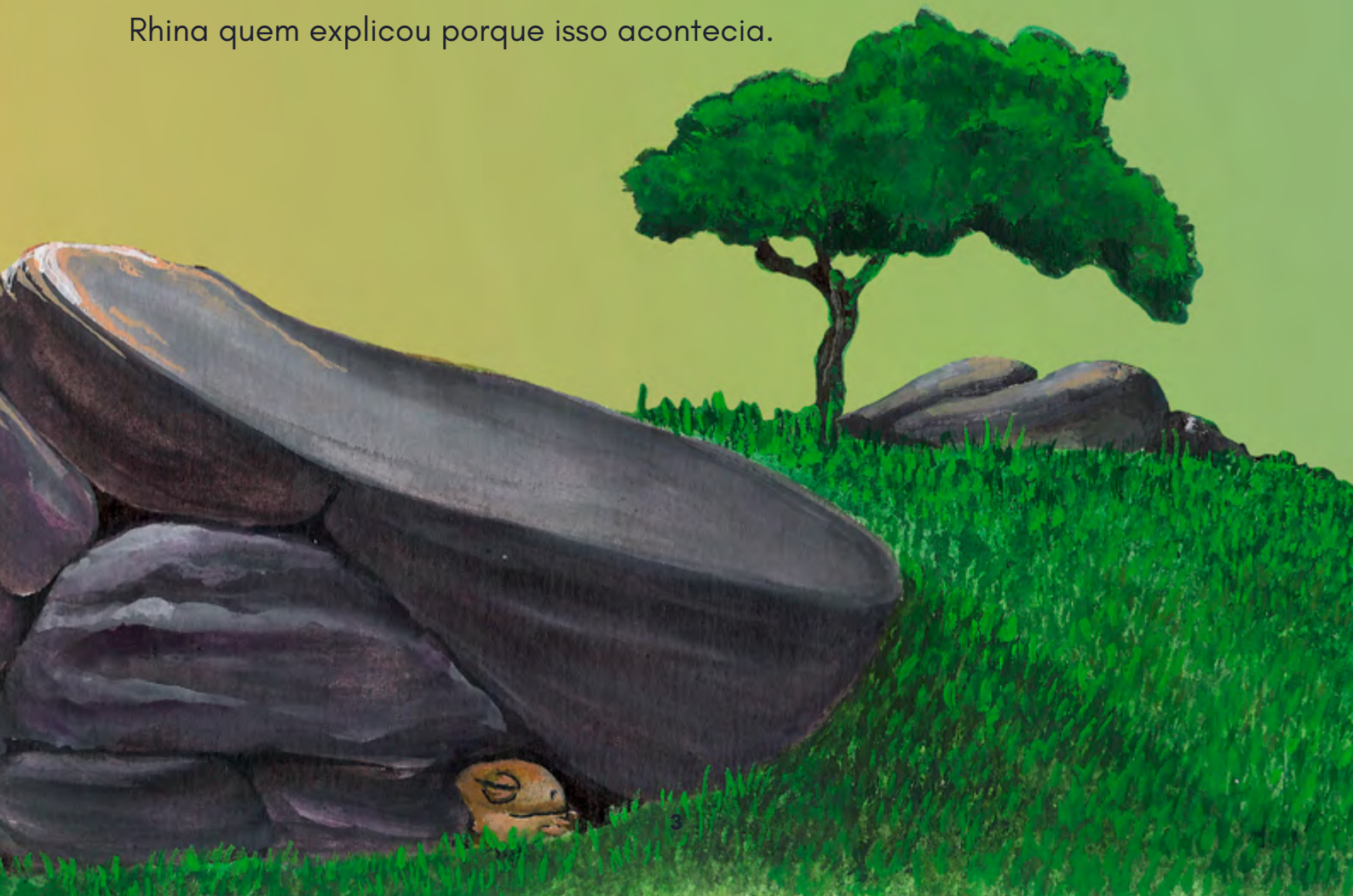


**Ilustrações  
Natália Aranha de Azevedo**






**A** paisagem aos poucos vai mudando de verde intenso para bege amarelado. O inverno está chegando no sudeste do Brasil. Não é tão frio, mas o ar vai ficando cada vez mais seco. A falta de água é um grande problema para muitos animais, principalmente os anfíbios. Cururu Chin é um sapo jovem, mas experiente. Já passou vários invernos assim quietinho, sem fome, dentro de uma toca. Porém, foi Rhina quem explicou porque isso acontecia.







**R**hina é uma sapa imensa e bem velha, que vive contando histórias. Cururu Chin costuma passar noites inteiras, fascinado, ouvindo contos de outros brejos e outros mundos. Mas só fica quieto depois de engolir alguns insetos apetitosos, pois é bem melhor ouvir histórias com a barriga cheia!



Certa noite, Rhina contou:

- Existem lugares de clima quente, como o nordeste do Brasil e regiões da Austrália e da África, que sofrem com secas muito longas. Bem mais do que aqui. Lá, a chuva cai um pouquinho e logo passa. Para sobreviver a essas fases difíceis, alguns de nossos primos podem estar por vários meses ou até anos.

- Estivar? O que é isso? - perguntou Cururu Chin.





- Estivar é ficar dormente na época da seca, ou seja, reduzir todas as funções do corpo e passar um tempo quieto, economizando energia e água, até que as condições melhorem.

- Ah! Então é isso que acontece conosco quando chega o inverno?!

- Sim, porque aqui a estação seca coincide com o inverno e passa quando chegam as chuvas da primavera. Além disso, nossa estivação é bem mais branda que a dos primos que comentei.

- Como assim?

- Vou explicar! - disse, Rhina, entusiasmada, pois adorava conversar com jovens interessados e curiosos como ele.







- Você bem sabe que nós 'bebemos' água pela pele, não é?

- Sim! Eu sei, claro. É um alívio sentar em alguma pocinha para matar a sede enquanto a água vai passando para dentro do corpo, aqui pela parte de baixo da barriga!



- Isso! Da mesma forma como é fácil ganhar, também é fácil perder água através da pele. Por isso é arriscado ficar muito tempo num lugar quente e seco, porque a água evapora muito rápido. Para os pequeninos é pior ainda, pois perdem água muito mais fácil que os grandes. Quanto mais longa a seca, mais quietos vão ficando, enterrados na sua toquinha protegida.







**P**ercebendo que Cururu Chin estava imóvel e hipnotizado ouvindo suas histórias, Rhina empolgou-se e continuou com ar de mistério:

- Existem rãs e sapos que podem fazer uma coisa mais incrível ainda. Algo que nós não fazemos.

- O que é??? Conta logo, que estou morrendo de curiosidade!

- Podem formar um casulo e encapar-se com ele.

- O que é casulo? - disse Cururu Chin, impaciente.

- Casulo é uma capa de proteção que cobre o corpo, formado de várias camadas de pele que não deixam a água escapar para o ambiente.

Depois, quando chega a chuva, o casulo amolece, vai desgrudando-se e a água pode ser absorvida novamente. E alguns sapos ainda aproveitam para comê-lo quando se solta.




- Que engraçado, Rhina! Os humanos usam capa para se protegerem da chuva, e os sapos e rãs tiram a capa para aproveitarem a chuva!

- É mesmo, Cururu Chin! Nunca tinha pensado nisso. Você é bem observador. De qualquer forma, é extraordinário que esses anfíbios possam ter esses tipos de defesas contra a dessecação.

- Ai, Rhina, suas histórias são incríveis, mas às vezes, você fala muito difícil! O que é dessecação? - perguntou, meio desolado.







**R**hina deu uma grande gargalhada e respondeu:  
- Que bom que você gosta! Não se preocupe,  
a vida é um grande aprendizado e não sabemos  
de tudo sempre. Eu aprendi muita coisa durante essa  
minha longa vida. Dessecação é ficar seco, perder água.

- Ah! Entendi. Bem mais fácil agora.

Ele estava tão fascinado com aquelas histórias  
que nem percebeu a noite passar.

- Obrigado, Rhina, por mais uma noite interessantíssima!  
Preciso ir agora. Até a próxima!





**C**ururu Chin passou muitas noites pensando naquela conversa. Ao mesmo tempo que estava maravilhado com tudo aquilo, começou também a sentir inveja. Perguntava-se: “Por que aquelas rãzinhas e sapinhos têm esse poder todo, enquanto eu, grande e forte, fico só um pouco dormente, economizo um pouco de energia e nem produzo casulo? Desperto na primavera, canto para conquistar as cururus fêmeas, e tudo se repete na próxima estação.”





**E**sses pensamentos atormentavam-no tanto que não parava de resmungar: “Ah, aqueles pequenoides! Nem têm tamanho direito!”

Certo dia, seu primo que mora na mata, Cururu Iteca, avistou-o e achou aquilo muito estranho.

– Olá primo. Tudo bem? Anda falando sozinho? O que é ‘pequenoide’? Algum asteroide que caiu nessa região?

– Não sei. Inventei isso agora.



**A**mbos caíram na risada, por causa do nome engraçado que Cururu Chin tinha criado para diminuir a importância das rãs e dos sapos que fabricam capa contra dessecação.







- É que eu não me conformo que eles entram em dormência tão profunda e tão longa, podendo até formar casulo, e depois saem pulando e cantando com qualquer chuvinha, além de formarem muitos ovos e filhotes super rápido.

- Nossa, que legal! Mas, e daí? Qual é o problema?

- Por que eles podem fazer tudo isso e eu não posso? A Rhina acha tudo normal, mas eu não me conformo e sinto pena de mim. Só não choro porque sapos não têm lágrimas. Outras vezes fico com muita raiva deles.

- Você verificou se isso é verdade? A Rhina conta tanta história...

- Sim, essa é verdadeira e foi confirmada pela Jabutica ontem quando saí para jantar e a encontrei indo dormir.

- Ok. Mas por que todo esse complexo de inferioridade? Qual o problema com você? E eu, que nem estivo! - disse Cururu Iteca, já impaciente com toda aquela lamentação do primo.

- Você não estava?!

- Não! Eu até canto para conquistar alguma cururuzinha no final do inverno, quando você ainda está lá todo preguiçoso.

- Eu não sabia disso! Como estou sempre estivado nessa época, nunca soube que você fica ativo o ano todo aí na mata. Aí é mais difícil dessecação do que aqui nessa área aberta do Cerrado, né. Você não se cansa? Não acha isso injusto?





- Claro que não. Por que eu acharia? Eu sou diferente de você, e daí? Encare por um outro lado. Já pensou porque esses que você chamou de 'pequenoides' têm aquela dormência toda?

- Não pensei nessa parte - disse Cururu Chin, meio descrente, mas pensativo.



- Porque só assim conseguem sobreviver em ambientes que ficam quentes e secos por muito tempo. E quando encontram uma pocinha de água, não têm muito tempo para cantar e reproduzir. Tudo tem de ser muito rápido! Já imaginou quanta coisa legal eles e elas perdem enquanto estão dormentes?



- Nossa! Pensando por esse lado, coitadinhos dos pequeninhos!  
A Rhina ainda disse que aqueles que formam casulo nem conseguem se mexer dentro dele. Não deve ser uma vida fácil...

- Não é mesmo! Mas esse é o jeito de enfrentarem essas dificuldades. Não são melhores nem piores do que ninguém.

- Obrigado, primo Iteca, por me ajudar a perceber que toda história tem vários pontos de vista.

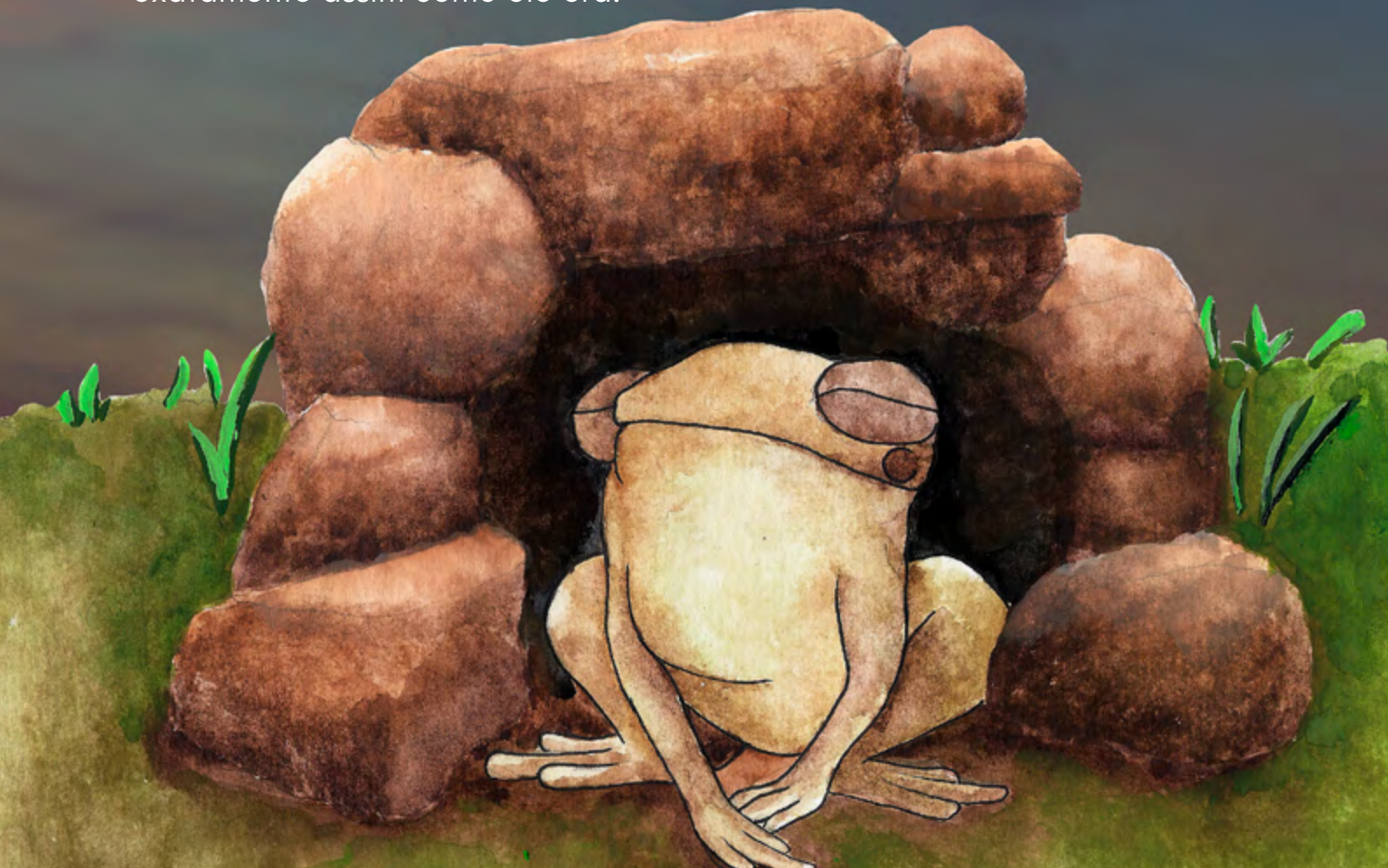
- De nada, primo Chin. Até qualquer dia.





**A**pós essa conversa, Cururu Chin sentiu-se bem melhor, pois entendeu e começou a respeitar as diversas maneiras de viver dos diferentes animais. Também passou a achar interessante estivar pouco e aproveitar várias aventuras nas épocas úmidas do ano.

Finalmente, ele achou uma toca protegida para ficar durante o inverno seco, repetindo o ciclo das estações como ocorre há milhares de anos. Dessa vez, porém, algo estava diferente, pois se sentia orgulhoso de ser exatamente assim como ele era.



# **Vamos pensar juntos?**

**Que lições aprendemos com a Rhina,  
o Cururu Chin e o Cururu Iteca  
nessa história?**





## **Autora**

**Kênia Cardoso Bícego**

Professora Associada do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista – FCAV-UNESP, Jaboticabal. Sua linha de pesquisa é relacionada à área de Fisiologia Animal Comparada, sobre regulação metabólica e da temperatura corporal em diferentes espécies de animais, incluindo sapo cururu.

## **Ilustradora**

**Natália Aranha de Azevedo**

Graduanda em Ciências Biológicas pela FCAV-UNESP, Jaboticabal. Trabalha com ilustração científica e de conteúdos paradidáticos que, no caso desse livro, fez parte de seu estágio de conclusão de curso.

## Informações científicas

Os personagens principais dessa história, conhecidos como sapos cururu, pertencem à família Bufonidae. Cururu Chin e Rhina são da espécie *Rhinella diptycha*, nativa de grande parte do território brasileiro, principalmente do bioma Cerrado, e também do Chaco argentino. Devido ao avanço dos estudos sobre o parentesco entre os diferentes grupos de anfíbios, essa espécie já mudou de nome várias vezes, passando anteriormente por *Bufo paracnemis*, *Chaunus schneideri* e *Rhinella schneideri*. Já o Cururu Iteca é de outra espécie, a *Rhinella icterica*, que é encontrada principalmente em ambientes de mata, ao longo das regiões sudeste e sul do Brasil. Os dados biológicos e fisiológicos apresentados nessa história são baseados em estudos desenvolvidos por cientistas brasileiros/as da UNESP, da Universidade de São Paulo, e de Universidades Federais, e também por australianos (no caso dos sapinhos que formam casulo).





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Lumos Assessoria Editorial  
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

B583 Bicego, Kênia Cardoso.  
O complexo caso de Cururu Chin [recurso eletrônico] /  
Kênia Cardoso Bicego ; ilustrações Natália Aranha de  
Azevedo. — 1. ed. — Ribeirão Preto : PinCéu, 2020.  
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-5854-124-0

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Azevedo,  
Natália Aranha de. II. Título.

CDD 808.899282

Capa e diagramação: Marina Dias | MADÍ Comunicação

Revisão: Semíramis Paterno





Fim